

Mikkel Borch-Jacobsen

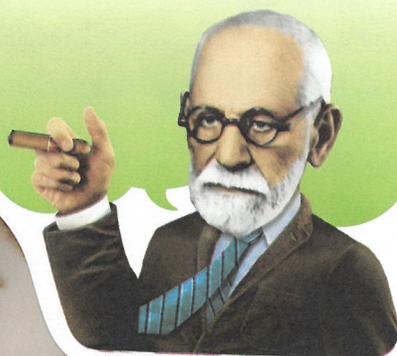
Os Pacientes

D

FREUDIAN SLIPS. WHEN YOU SAY ONE THING
BUT MEAN YOUR MOTHER.

D

CAPA



EDIÇÕES
texto & grafia

Cet ouvrage a bénéficié du soutien des Programmes d'aide à la publication
de l'Institut français.

Esta obra teve o apoio dos Programas de Apoio à Publicação
do Instituto Francês

Título original: *Les Patients de Freud. Destins*
Tradução: Hélder Viçoso
Revisão: Gabinete Editorial Texto & Grafia
Grafismo: Cristina Leal
Paginação: Vitor Pedro

© Sciences Humaines Éditions, 2011

Todos os direitos desta edição reservados para
Edições Texto & Grafia, Lda.
Avenida Óscar Monteiro Torres, n.º 55, 2.º Esq.
1000-217 Lisboa
Telefone: 21 797 70 66
E-mail: texto-grafia@texto-grafia.pt
<http://texto-grafia.blogspot.com>

Impressão e acabamento: Papelmunde, SMG, Lda.
1.ª edição, Julho de 2012

ISBN: 978-989-8285-61-4
Depósito Legal n.º 347149/12

Esta obra está protegida pela lei. Não pode ser reproduzida
no todo ou em parte, qualquer que seja o modo utilizado,
sem a autorização do Editor.

Qualquer transgressão à lei do Direito de Autor
será passível de procedimento judicial.

O texto deste livro segue as normas do
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990.

ÍNDICE

Preâmbulo	7
<i>Bertha Pappenheim</i>	11
<i>Ernst Fleischl von Marxow</i>	20
<i>Mathilde Schleicher</i>	28
<i>Fanny Moser</i>	31
<i>Anna von Lieben</i>	37
<i>Pauline Silberstein</i>	41
<i>Elise Gomperz</i>	44
<i>Adele Jeiteles</i>	49
<i>Ilona Weiss</i>	52
<i>Aurelia Kronich</i>	55
<i>Emma Eckstein</i>	60
<i>Olga Hönig</i>	67
<i>Baronesa Marie von Ferstel</i>	71
<i>Margit Kremzür</i>	75
<i>Ida Bauer</i> <i>Dea</i>	76
<i>Anna von Vest</i>	83
<i>Bruno Walter</i>	88
<i>Herbert Graf</i> <i>O. Beauvois Heim</i>	91
<i>Ernst Lanzer</i> <i>O. Homem. des Rates</i>	96
<i>Elfriede Hirschfeld</i>	100
<i>Albert Hirst</i>	105
<i>Barão Viktor von Dirsztay</i>	110
<i>Sergius Pankejeff</i> <i>O. Homem. des lobies</i>	118
<i>Bruno Veneziani</i>	130
<i>Elma Pálos</i>	137
<i>Loe Kann</i>	146
<i>Karl Mayreder</i>	152
<i>Margarethe Csonka</i>	157
<i>Anna Freud</i>	163
<i>Horace Frink</i>	172
<i>Carl Liebman</i>	184
Fontes	191

As 1^{as}
Austriacas



Emma Eckstein, 1895.

Emma Eckstein

(1865-1924)

Emma Eckstein era oriunda de uma proeminente família da burguesia judaica vienense. Albert Eckstein, seu pai, inventara um processo de fabrico de pergaminho e possuía uma próspera fábrica de papel. Tal como os seus parentes das famílias Federn e Mayreder, os elementos da família Eckstein eram decididamente progressistas. Albert Eckstein frequentava o reformador social Josef Popper-Lynkeus, o físico positivista Ernst Mach e o zoólogo darwiniano Carl Brühl. Vários irmãos de Emma, nomeadamente o jornalista e teórico marxista Gustav Eckstein, eram membros ativos do Partido Social-Democrata austríaco. A sua irmã Therese Schlesinger-Eckstein fazia parte da Associação Geral de Mulheres Austríacas e seria uma das primeiras mulheres a ingressar no Parlamento, em 1918.

Do mesmo modo, Emma estava ligada ao filho do dirigente socialista Karl Kautsky. Estava também envolvida no movimento feminista austríaco animado pelas suas amigas Rosa Mayreder, Auguste Fickert e Marie Lang, com quem mantinha assídua correspondência que atesta as preocupações políticas e sociais dela. Publicou, aliás, vários artigos na revista *Dokumente der Frauen* (*Documentos Femininos*), especialmente um ensaio sobre a “A criada enquanto mãe”, no qual se insurgia contra a exploração sexual das jovens empregadas domésticas pelos «senhores» da família.

Diz-se que Emma Eckstein era muito bonita. Também era, desde sempre, neurótica, sem que se saiba muito bem do que é que ela exatamente sofria. Parece ter tido problemas gástricos, dificuldade em andar e dismenorreias (menstruações dolorosas). Não admira que tenha ido ter com Freud: a família Eckstein estava ligada à família

Freud, com quem passava amiúde as férias, e Friedrich (Fritz) Eckstein, irmão de Emma, fazia parte do círculo íntimo de Sigmund (encontravam-se aos sábados à noite na casa de Leopold Königstein para jogar ao tarot). O tratamento começou em 1892 e continuou, pelo menos, até ao início de 1897. Freud não cobrava nada, como deve ser entre amigos. Ia ver Emma à casa familiar onde ela morava com a mãe, embora toda a gente da família obviamente soubesse que não se tratava de uma mera visita amigável. Uma sobrinha, Ada Hirsch, conta como Freud pagava ao seu cocheiro para passear os filhos enquanto ele próprio tratava a tia Emma (as sessões deviam provavelmente provocar ruidosas revivescências «catárticas»).

Mais tarde, Freud diria a Albert Hirst (Hirsch), irmão de Ada, que considerava todos os membros da família Eckstein como neuróticos, porque o pai deles sofrera de neurosífilis (morrera de ataxia locomotora, derradeiro estágio da sífilis não tratada). Esta convicção hereditarista, que ele exprimiria também no seu artigo sobre «Dora», não impediu, porém, Freud de avançar várias outras etiologias no decorrer do tratamento, ao sabor das suas teorias do momento. Parece assim ter estabelecido uma relação entre as dismenorreias de Emma e a masturbação, uma prática à qual ele atribuía, em geral, a causa da neurastenia. Partilhava essas opiniões com o seu amigo Wilhelm Fliess, que elaborara uma teoria da «neurose nasal reflexa» que parecia aplicar-se eminentemente às perturbações de Emma. Otorrinolaringologista berlinense, Fliess postulava uma relação particular entre o nariz e o aparelho genital feminino, e gabava-se de fazer desaparecer, entre outros sintomas, as dismenorreias, graças à aplicação de cocaína na mucosa nasal ou, nos casos mais renitentes, a uma operação dos cornetos do nariz. Freud era, nessa época, um fervoroso adepto da «terapia nasal» do amigo e prescrevia de bom grado cocaína aos pacientes, tanto masculinos como femininos, para toda a espécie de sintomas psicossomáticos e neurasténicos. No caso de Emma Eckstein, parece ter decidido que se impunha um tratamento mais enérgico, pois no final do ano de 1894 pediu a Fliess que fosse especialmente de Berlim para operar os cornetos da sua paciente (assim como os seus próprios).

A continuação da história é conhecida desde que Max Schur, médico de Freud, levantou o espesso silêncio que pesava sobre este episódio num artigo publicado em 1966. A operação teve lugar em 20 ou 21 de fevereiro de 1895, data após a qual Fliess regressou a Berlim. A 3 de março, Freud publicou uma resenha de uma obra do neurologista Paul Julius Moebius, na qual evocava os «surpreendentes êxitos terapêuticos» obtidos graças à «audaciosa técnica» do Dr. Fliess, de Berlim. A realidade era bem diferente. Duas semanas após a operação, o nariz de Emma estava dorido e apresentava secreções purulentas que libertavam um cheiro fétido. A 2 de março, soltara-se um pedaço de osso partido do tamanho de uma pequena moeda, provocando uma hemorragia maciça. Tendo ocorrido uma segunda hemorragia dois dias depois, Freud pediu apressadamente ajuda ao seu amigo otorrinolaringologista Ignaz Rosanes. Ao limpar a ferida, Rosanes notou um pedaço de fio no nariz e puxou-o, extraindo conseqüentemente cerca de meio metro de gaze fedorenta de que Fliess se esquecera durante a operação. Jorrou «um mar de sangue», ao ponto de Freud se sentir mal e ter de deixar precipitadamente o quarto. Quando ele lá voltou depois de beber um copo de conhaque, Emma saudou-o intrepidamente: «Então é isto o sexo forte!»

Emma ficou várias semanas entre a vida e a morte, a tal ponto que Freud a deu momentaneamente como «perdida». A operação de Fliess deixou-a desfigurada para sempre, com uma cavidade no local onde o osso do nariz ficara partido. No entanto, nem Emma nem a família dela parecem ter guardado rancor a Freud ou a Fliess, cuja reputação de taumaturgo permaneceu intacta em Viena. Breuer enviou-lhe várias pacientes, entre as quais a sua própria filha Dora. Em agosto, Freud levou o seu irmão Alexandre a Berlim, para que Fliess o operasse por causa de uma «neurastenia» (Freud aproveitou para ser operado pela segunda vez). Quanto a Emma, prosseguiu a análise com Freud como se nada se tivesse passado.

Era a época em que Freud começava a acostrar no inconsciente dos seus pacientes os traumas sexuais que, segundo se supunha, estariam na origem dos sintomas histéricos e obsessivos. Emma reaparece a esse

propósito no *Esboço de Uma Psicologia*²⁹, redigido por Freud durante o outono de 1895. Ela tinha medo de entrar sozinha em lojas, explica Freud, porque quando tinha oito anos fora objeto de apalpões sexuais por parte do dono de uma loja. Esta «cena» permanecera sem efeito até Emma compreender a sua significação na altura da puberdade, por ocasião de um segundo incidente em que vendedores tinham trocado dela numa loja, provocando, por conseguinte, um recalçamento patológico do incidente inicial. Emma ilustrava assim o mecanismo da ação diferida ou *a posteriori* do trauma postulado por Freud.

Emma Eckstein fazia seguramente parte dos pacientes nos quais Freud testava nessa época a sua nova «teoria da sedução». Num artigo publicado em abril de 1896, Freud afirmava que a histeria se devia a um abuso sexual perpetrado contra uma criança por um adulto, «infelizmente também, com bastante frequência, por um familiar chegado», e que conseguira confirmar tal etiologia nos dezoito casos à sua disposição. Segundo se sabe através de uma carta enviada a Fliess em 27 de setembro de 1897, Freud depressa chegara à conclusão de que, «em todos os casos», era o pai o culpado desses atos perversos. Tinha, portanto, obtido de Emma a revelação de «cenas» de apalpões incestuosos da parte do respeitável Albert Eckstein?

O que é certo é que, em janeiro de 1897, Emma se lembrou de uma cena satânica. Intrigado com a semelhança entre as recordações de sedução perversa dos seus pacientes e as confissões de comércio sexual com o Diabo obtidas sob tortura pelos inquisidores, Freud aventara efetivamente a hipótese «de uma religião do Diabo [...] cujo rito continua a ser secretamente exercido». Emma confirmara: «A Eckstein tem uma cena em que o diabo lhe espetava agulhas nos dedos e, em seguida, um bombom em cada gota de sangue. Quanto ao sangue, não és absolutamente culpada!» Uma semana mais tarde, outra confirmação, outra exoneração de Fliess: «Imagina que obtive uma cena a propósito da circuncisão de uma jovem. O corte de um pedaço dos pequenos lábios (os quais são ainda mais curtos hoje) e o chupar do sangue; depois disso, deram a comer à criança o pedacinho

²⁹ Título do manuscrito: *Entwurf einer Psychologie* [N. T.].

de pele. [...] Uma operação que praticaste um dia foi afetada por uma hemofilia causada da mesma maneira.» As hemorragias que quase levaram Emma à morte dois anos antes não se deveram, portanto, a um erro profissional de Fliess, mas à hemofilia histórica causada pelos comportamentos perversos no seio da família Eckstein.

Emma, que sempre fora mais do que uma mera paciente, tornara-se agora colaboradora e aluna. Freud enviou-lhe uma paciente, talvez até várias. Emma Eckstein foi, pois, a primeira psicanalista formada por Freud. Em dezembro de 1897, ela identificou numa sua paciente de dezanove anos cenas de sedução pelo pai idênticas às obtidas pelo seu analista. Imediatamente, Freud voltou a confiar na sua «etiologia paterna», que abandonara, contudo, três meses antes (Emma não fora provavelmente posta ao corrente dessas dúvidas confessadas a Fliess).

Segundo opinião unânime, o tratamento de Freud fora um êxito. De acordo com Albert Hirst, sobrinho de Emma, «era importante para ele [Freud], na sua prática, ter tido esse grande êxito com essa jovem conhecida, de uma família proeminente. Era uma mulher muito bela e, depois de ele ter tido esse grande êxito, levou durante vários anos uma vida perfeitamente normal». Em outubro de 1900, Emma publicou uma recensão elogiosa d'A *Interpretação dos Sonhos* no *Arbeiter-Zeitung*³⁰, jornal socialista de Victor Adler. Não deixando de se questionar se todos os sonhos eram sempre realizações de desejo, como pretendia Freud, ela saudava as «conclusões audaciosas» de um livro que dava acesso a «regiões até então ocultas da vida da alma» e fazia prever «belos contributos para a solução de problemas psíquicos».

Quatro anos mais tarde, Emma Eckstein publicou um livrinho sobre *A Questão Sexual na Educação das Crianças*³¹, no qual prevenia contra os perigos da masturbação, esse «insidioso inimigo da criança» que «pode ter consequências funestas para o desenvolvimento mental do indivíduo». Não é difícil de ver nessas declarações um eco velado do diagnóstico feito por Freud e Fliess ao próprio caso dela. Retomando ideias expressas por Freud pela mesma altura, ela sublinhava igualmente

³⁰ *Diário Operário* [N. T.].

³¹ *Die Sexualfrage in der Erziehung des Kindes* [N. T.].

a relação entre masturbação infantil e atividade fantasmática. Freud, como se sabe pela sua correspondência com ela, aconselhara-a e incentivara-a no decorrer da redação do livro, escrevendo inclusive uma recensão favorável a ele, que fora recusada pela *Neue Freie Presse*. Em 1909, Emma publicou ainda um artigo sobre “A Questão Sexual na Educação das Crianças” num volume coletivo intitulado *Na Fonte da Vida. Um Livro do Lar para a Educação Sexual*³².

De acordo com uma carta escrita por Freud em 30 de novembro de 1905, parece que Emma fora novamente analisada por ele pouco tempo antes, pois é aí mencionada uma «interrupção» do tratamento devido a fricções entre ambos. Emma ficara aparentemente melindrada com um reparo de Freud a propósito da transferência que ela fazia para ele (ou que ele lhe imputava), o que lhe tinha «novamente inspirado», diz Freud, «respeito pela feminilidade elementar (*dem elementar-frauenzimmerlichen*) com que tenho de me bater constantemente». Ignora-se como a feminista Emma reagiu a tal comentário. A julgar por um jovial e anódino postal enviado por Freud no ano seguinte, as coisas entre eles tinham-se finalmente recomposto. Freud pensara em escrever-lhe, porque tinha, segundo ele, sonhado com ela nessa noite.

Por volta de 1910, Emma fez uma tentativa de suicídio e reatou o tratamento com Freud. Segundo Albert Hirst, ela estava há muito tempo apaixonada por um determinado arquiteto vienense (Karl Mayreder, marido da sua amiga Rosa Mayreder?) e rendera-se finalmente ao facto de o seu amor ser impossível, daí o colapso. Tinha novamente dificuldade em andar e estava confinada à cama. Ao contrário de Freud, ela pensava que as suas dificuldades ambulatórias eram de natureza orgânica. Um dia em que a ginecologista sua amiga Dora Teleky a fora visitar, notara que ela tinha um abcesso no abdómen e decidiu operá-la, o que provocou um imediato restabelecimento de Emma. Membro de outra distinta família judaica vienense, Dora Teleky, envolvida no movimento feminista, não era uma desconhecida para Freud. Tal como o irmão Ludwig, estivera

³² *Am Lebensquell. Ein Hausbuch zur geschlechtlichen Erziehung* [N. T.].

entre os seus primeiros ouvintes na Universidade e era casada com o filho do seu mestre Ernst von Brücke. Freud ficara furioso não só com Dora, pelo facto de se ter imiscuido no tratamento da amiga, mas também com Emma. Ainda segundo Hirst, o restabelecimento desta «confirmara a rejeição por Emma do diagnóstico de Freud segundo o qual se tratava de um retorno da sua neurose de outrora. Quando, no dia seguinte, contei isso a Freud, ele estava furibundo. [...] Retirou-se imediatamente do caso, dizendo: “É o fim de Emma. Agora, ela nunca mais se restabelecerá.”»

A maldição de Freud cumpriu-se. Expulsa do divã, Emma Ecks-tein acabou por voltar à cama, de modo definitivo. Passou o resto da vida enclausurada no seu quarto. Morreu de hemorragia cerebral em 30 de julho de 1924.